

EPIFANIA URBANA SOBRE CORPOS IMÓVEIS¹

Luis Antonio Baptista

Psicólogo, professor PPG Psicologia da Universidade Federal Fluminense, pesquisador CNPq

O Rio de Janeiro acolhia os dois intelectuais. Surpresas das cidades que ultrapassam os limites do visível os espreitavam. O corpo dos pensadores perdia movimento. Viveram e combateram nos momentos difíceis do passado, agora não conseguiam andar. Os dois paralíticos caminhavam preocupados na noite carioca. As mazelas do mundo os angustiavam, a paralisia das suas pernas não. Depois do espetáculo teatral, moviam-se sem o auxílio da cadeira de rodas. Até aquele momento, a enfermidade que os acometeu inexistia. O professor brasileiro e o professor francês saíram entusiasmados do Centro Cultural. Seguiam em direção à estação Uruguaiana do metrô. Falavam eufóricos sobre a atuação do grupo de teatro. Era inverno na cidade. Estavam na Avenida Presidente Vargas erguidos pelos corpos ainda não paralisados. A avenida projetada no Estado Novo que transformou a paisagem do Rio de Janeiro recebia os dois intelectuais. As utopias urbanas da Era

Vargas os apresentavam um inusitado cenário. A fúria da memória carioca revelava-os o inacabamento do passado. O desejo do Estado Novo de higienizar a urbe, de efetivar a glória do progresso fracassavam na avenida, mas eles não percebiam. Sobre a calçada um amontoado de coisas fedidas chamou a atenção do francês. Continuaram a marcha, e mais próximo daquilo que fedia e que não conseguiam definir, surpreenderam-se. Pouca luz, vazia e fria estava a Avenida Presidente Vargas naquela noite. Diminuíram os passos e conseguiram perceber a longa fila de garotos cobertos por jornais e trapos. O professor estrangeiro franzia a testa preocupado. O nativo não sabia o que explicar para o intelectual francês. A estação do metrô parecia mais distante. Os dois emocionavam-se, revoltavam-se e começaram a falar sem parar. A Presidente Vargas assistia o discurso dos professores que gradativamente paralisava os seus corpos. Discursavam sobre a morte da cidade. Ratos, miséria e medo seriam os únicos ocupantes do espaço público da metrópole contemporânea. Os professores sentiam-se inúteis diante do amontoado de panos e jornais. A cena sobre a calçada sentenciava a morte de velhos sonhos do passado. Indagavam angustiados, onde estaria a resistência ao capitalismo devastador? Passavam e olhavam, consternados, a longa fila; para eles seriam sobrevividas, excluídos, e todos os adjetivos que ratificassem a morte da política e da vida, até mesmo a que soprava debaixo dos trapos. Perguntavam um para outro, onde estaria a resistência destas sobrevividas? Envergonhados, prosseguiram quase paráliticos. Poucos metros da entrada da estação Uruguaiana um deles percebe o vento da noite fria deixando ver o tornozelo de um dos garotos. O outro reconhece o fio de náilon ligando-os a

outros tornozelos debaixo dos cobertores. Reconheciam, mas não sabiam explicar a função do fio. A cidade agoniza, diziam melancólicos. Os dedos dos pés e das mãos dos professores perdiam os últimos movimentos. Perguntavam, mais uma vez, onde estaria a resistência? O Rio de Janeiro repleto de histórias em pedaços olhava-os frio como uma navalha. O corpo da urbe maculada, por narrativas em confronto, desprezava a agonia decretada por aqueles homens. O passado da avenida recusava a sina da sua morte. A cidade viva, pulsando, ignorava a morbidez do humanismo dos, agora, paráliticos. Continuaram a caminhada em direção ao metrô. Sem saber o porquê daquele objeto andavam completamente imóveis.

Dentro do trem, persistia o diálogo sobre o poder devastador do capitalismo contemporâneo. Onde estaria a resistência? Indagavam com a voz embargada. Impotência e vergonha sobrepunham o incômodo dos músculos paralisados. Na estação Central do Brasil, entra o catador de lixo. O velho trapeiro com os seus sacos repletos de detritos urbanos senta-se em frente aos dois. O catador recolhe objetos usados, esquecidos, jogados fora nas ruas para dar-lhes outras formas. É um lixeiro peculiar, multiplicador de sentidos de coisas inúteis, um transgressor das funções e utilidades dos utensílios relegados à morte. Para ele, os restos interrompem a conclusão de qualquer coisa. Narrador de desassossegos seria também algo que o definiria. Observa-os com atenção como se desejasse dizer-lhes algo. Os passageiros, totalmente sem os movimentos, olham intrigados para ele e decidem resolver o enigma do fio. Paráliticos e tristes tentam desvendar as razões da cena dos garotos amontoados. Perguntam o motivo do fio de náilon. Os dois eram apaixonados pelas ori-

gens dos fatos. A imobilidade dos músculos não os aturdiu. O velho antes da resposta narra-os, como preâmbulo, uma pequena história ocorrida em uma cidade alemã do século XIX.

Um escritor enfermo na cadeira de rodas recebe a visita do primo. O anfitrião convida-o a olhar da janela a praça em frente ao seu apartamento, a desfrutar a visão panorâmica da paisagem do lado de fora. Detalhes do que ocorre, na praça, inscrito nos tipos humanos, nas ações dos transeuntes, nos objetos são esmiuçados pela luneta do escritor em sua cadeira de rodas. O visitante surpreende-se frente à observação detalhada do primo escritor que o estimula a desenvolver “o olho que realmente enxerga”. Os fatos detectados são analisados, incluídos em categorias ou em histórias claras, com início, meio e fim. A praça em frente à janela estaria repleta de enigmas a espera de deciframentos. O treinamento para a utilização da eficiente luneta forneceria ao observador a descoberta da verdade do que se apresenta a sua visada acurada, mas nada responderia ao seu olhar, nada o aturdiria interpelando as verdades do seu instrumento de análise. O escritor paráltico observa detalhadamente mantendo a inércia do seu corpo. Da cadeira de rodas o que lhe é exterior é detectado, mas não atravessa a janela desacomodando o observador assim como a lógica que fundamenta o seu olhar. O primo aprende o segredo da observação que lhe dará a grandeza de ser um aprendiz de um Deus que tudo vê apartir da sua imobilidade. A cidade vista desta cadeira torna-se cenário, um além, um organismo mudo. Por meio desta urbe o

corpo imóvel do observador imuniza-se dos possíveis contágios do lado de fora. Nada o desalojará de si ou de suas sombras. A paralisia do corpo faz do seu olho um órgão desencarnado.² O aprendiz de Deus paráltico terá o poder de dar voz e forma ao que o seu olhar incidir. Nada responderá ao seu soberano olhar.

Após contar a cena dos primos o velho catador de lixo sumiu. Além de recolher detritos impedia que narrativas tramadas nas ruas fossem delimitadas por fronteiras intransponíveis. Sumiu com a cidade contida nos objetos. Seguiu o rumo dos anjos sem céu ou sem pátria. Não pertencia à falange dos mensageiros da palavra justa. O trapeiro apenas recolhia dejetos, transgredia suas utilidades para interromper o cárcere das conclusões.³ Não respondeu a pergunta dos professores. Não os revelou que os garotos são retirados da fila e assassinados pela polícia durante o silêncio da madrugada. Não os revelou também que o passado das ruas pode ser recontado pelas urgências do agora. O fio não possuía a função exclusiva utilizada por torturadores para matar ou torturar. Os meninos usavam-no para burlar o poder que editava suas histórias com um previsível fim. Sobre as calçadas afirmavam o coletivo onde a vida não lhes dava sossego; um coletivo, à semelhança da instabilidade das ruas, criado por urgências, contingente, atento às ciladas do inesperado. Juntos diziam à cidade entranhada em seus corpos que ainda existiam amorosamente vivos; um amoroso fedido por misturas de afetos que atravessava os corpos cariados por embates do agora e do passado do Rio de Janeiro. Heróis, vítimas, irmãos eram adjetivos inúteis para aquela amorosidade fedida. O fio de náilon delineava-se como um dos fios da tessitura de narrativas que fo-

ram e ainda serão contadas. O trapeiro sumiu com seus objetos sem funções ou utilidades. A epifania acabava. Os garotos maculados de tempos contrastantes continuavam a contar histórias e estórias através da pele suja de mundo.

Finalizada a viagem, os dois intelectuais seguiram em direção à superfície. Silenciosos, moviam gradativamente os músculos. O Rio de Janeiro como uma navalha os esperava para mais um corte. Epifanias cariocas ocorrerão a qualquer momento. Anjos laicos, sem céu, poderão surpreender em qualquer esquina. Para os trapeiros as cidades impedem o conforto das verdades sem corpo. São artifices de inesperadas mobilidades urbanas. O fio de náilon e a cadeira vazia permaneceram no vagão. O otimismo de uma cidade feliz, ou o pessimismo da morte da urbe, não terá sossego. Pode um corpo encarnado dizer e desdizer a agonia de uma cidade? ■

NOTAS

- 1 Este texto é uma versão ampliada do resumo publicado nos Anais do evento CORPOCIDADE 2, título original: "Epifania Metropolitana" (BAPTISTA, 2010), posteriormente publicado em 2011 no jornal do Grupo Tortura Nunca Mais. A cena dos meninos na Presidente Vargas encontra-se também no ensaio de Baptista (1999).
- 2 Retirado do conto *A janela de esquina do meu primo* de E. T. A. Hoffmann. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- 3 As alegorias do catador e do anjo são inspiradas nas teses sobre a história de Walter Benjamin, especificamente a tese 7 e a 9. (BENJAMIN, 1994) Jeanne Marie Gagnebin (1997, p. 121) em seu ensaio sobre os anjos na obra de Benjamin, afirma que "se os anjos povoam, portanto, o pensamento de Benjamin, esse povoamento subverte, [...] a idéia mesma de uma posição estável, de uma pátria definitivamente conquistada, de um enraizamento sub-

stancial, seja ele teórico ou existencial. [...] a intervenção do anjo não se manifesta mais na sua eficácia soberana, mas, sim, neste apelo, ao mesmo tempo imperceptível e lancinante, a interromper o escoamento moroso da infelicidade cotidiana e a instaurar o perigoso transtorno da felicidade." A alegoria do trapeiro encontra-se na obra de Benjamin (1989) sobre Baudelaire.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, L. A. Histórias do lixo urbano. In: _____. *A cidade dos sábios*, São Paulo: Summus, 1999.
- _____. Epifania Metropolitana. In: BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. *Caderno de Provocações, Corpocidade 2: debates em estética urbana*, Salvador: EDUFBA, 2010. p. 21-23. (v. 1).
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Obras escolhidas III*. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- GAGNEBIN, J. M. O Hino, a brisa e a tempestade dos anjos em Walter Benjamin. In: GAGNEBIN, J. M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.